

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Contribuições da teoria descolonial para a sociologia crítica.

Júlia Figueredo Benzaquen.

Cita:

Júlia Figueredo Benzaquen (2009). *Contribuições da teoria descolonial para a sociologia crítica. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1210>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Contribuições da teoria descolonial para a sociologia crítica

Júlia Figueredo Benzaquen

Bolsista doutorado pleno no exterior CAPES

Programa de Doutorado em "Pós-colonialismos e cidadania global"

Universidade de Coimbra – Portugal

juliafb82@yahoo.com.br

1. Qual sociologia?

Interessa-me discutir em que tipo de ciência esse trabalho se insere, visto que em nome da ciência já foi provocado muitos epistemicídios que invisibilizaram saberes. Segundo Santos, o conceito de epistemicídio designa a morte de um conhecimento local perpetrada por uma ciência alienígena. “A morte de conhecimentos alternativos acarretou a liquidação ou a subalternização dos grupos sociais cujas práticas assentavam em tais conhecimentos” (Santos, Meneses e Nunes, 2004: 20).

A ciência é um discurso que pretende descrever, compreender e interferir na realidade.

A ciência está enraizada em uma concepção positivista, que encobre o autor, através de uma suposta neutralidade e verdade absoluta. É o que Castro-Gómez (2005) designa por *ponto zero*, onde existe uma pretensa neutralidade, onde o sujeito que conhece está

supostamente livre dos preconceitos. Essa é uma idéia eurocêntrica que faz parte de uma estratégia, a qual as ciências sociais fazem parte, de domínio econômico, político e cognitivo sobre o mundo.

Os teóricos descoloniais propõem uma reestruturação, descolonização ou pósocidentalização das ciências sociais. O primeiro passo para tanto é reconhecer e evidenciar que os trabalhos científicos são produzidos por um *corpo-político do conhecimento*, não podendo haver portanto pretensão de neutralidade. Todo o conhecimento possível se encontra in-corporado, encarnado em sujeitos atravessados por contradições sociais, vinculados a lutas concretas, enraizados em pontos específicos de observação e não em um *ponto zero* (Castro-Gómez e Grosfoguel, 2007).

Venho de um país, o Brasil, onde a desigualdade social é gritante. Partindo dessa realidade que clama por transformações, percorro a minha trajetória acadêmica e política em busca de caminhos de superação. É por isso que uma sociologia crítica é tão importante. O programa de doutorado em “Pós-colonialismos e cidadania global” da Universidade de Coimbra, onde estou, está me ajudando na crítica à ciência eurocêntrica e na consolidação de uma perspectiva crítica. É em busca de uma sociologia crítica que percorro as perspectivas pós-moderna, pós-colonial e descolonial.

2. A perspectiva pós-moderna

Desde da década de 70 que muito vem se teorizando a respeito da pós-modernidade. Os autores que tratam do tema não chegaram a conclusões definitivas e há controvérsias em vários aspectos. A pós-modernidade, para Lyotard (1979), é a negação da metanarrativa

universal da modernidade e a aceitação de uma pluralidade de discursos incomensuráveis.

A incomensurabilidade leva ao problema do relativismo. O relativismo é sinônimo de imobilismo. Além desse grande problema da incomensurabilidade, os teóricos pós-modernos são acusados de enfatizarem o aspecto cultural e “se esquecerem” das questões políticas, sociais e econômicas. Para Jean Baudrillard (1984) a sociedade pós-moderna é uma sociedade de consumo, na qual a dimensão simbólica é valorizada e o significado está em detrimento em relação ao significante. Para Baudrillard a defesa dos marxistas da centralidade do fazer, da esfera de produção econômica, dá lugar à centralidade da produção de significados.

Jameson (1991) é outro autor pós-moderno, que, no entanto, pretende não “esquecer” o econômico ao falar que o pós-moderno é o capitalismo tardio onde há um novo alcance global do capital. Este mesmo autor fala da importância decisiva da mídia e da comunicação, de um papel valorizado da cultura e a perda do senso de história.

O pós-moderno por considerar diversos discursos pode se tornar a-político, excluindo, dessa maneira, a capacidade de pensar em termos utópicos. Dessa forma, o saber acaba por se constituir por uma multiplicidade de enunciados denotativos que são incompatíveis entre si e que não leva a uma saída emancipadora. No pós-moderno as teorias daquilo que deve ser feito para que as coisas sejam diferentes são apenas mais um discurso que podem ser aceitos ou não. Por esta via, a crítica da modernidade redundava paradoxalmente na celebração da sociedade que ela tinha conformado. É dessa maneira que a perspectiva pós-moderna contribui para uma ciência crítica, mas não é suficiente, por não permitir alianças, redes que visem a transformação social.

3. A perspectiva pós-colonial

A busca por alianças, exige um reconhecimento profundo do Outro. Acredito que uma ciência pós-colonial nos desloca e nos faz ver a pluralidade de saberes outrora ocultada por uma ciência não-crítica. Aqui a pluralidade de saberes não leva ao relativismo imobilista, mas sim à busca por alianças estratégicas e provisórias.

Os estudos pós-coloniais é um campo interdisciplinar. O termo nasce principalmente na década de 70 por críticos literários no sentido de discutir os efeitos culturais da colonização. A idéia de pós (depois) e de colonização são elementos fundamentais para entender o Pós-colonialismo. A independência política de sistemas coloniais foi feita em tempos e espaços diversos. No entanto, o colonial do termo pós-colonial vai além dos períodos históricos de colonização política e se refere a situações de opressão diversas. É dessa maneira que as sociedades “periféricas” ou “ex-colônias”, bem como as reivindicações e experiências vivenciadas por minorias sociais, continuam sendo tratadas a partir de suas relações de funcionalidade, semelhanças ou divergências com aquilo que se definiu como “centro”.

Foi o colonialismo que fez com que os “outros saberes” perdessem a possibilidade de se manifestar. As teorias pós-coloniais procuram colocar os “outros saberes” em cena e não obscurecê-los com uma “epistemologia da cegueira” (Santos, 2000). No entanto, não significa dizer que os “outros saberes” passam a ser a nova verdade única e

absoluta. Se fosse assim, seria um essencialismo do oprimido que muitos teóricos pós-coloniais contestam.

A concepção de identidade fluída de Stuart Hall (1996) corrobora com uma não autenticidade primordial dos sujeitos. O autor pensa identidade não como algo que estabiliza e garante coerência e unidade ao indivíduo, mas como um conceito construído através de narrativas, de representações, de saberes. Assim, a identidade é vista como produzida historicamente, institucionalmente e com estratégias enunciativas específicas.

No entanto, mesmo com essa negação do essencialismo, uma outra grande referência para os estudos pós-coloniais, Spivak (1984-5), cunhou o termo *essencialismo estratégico*. Ela fala em momentos necessários de ancoragem para essas identidades fluídas, no sentido de as fortalecer para reivindicarem as suas agendas.

Mas como foi dito, o Pós-colonialismo está preocupado em evidenciar as ambigüidades da realidade. Bhabha (1994), por exemplo, fala da possibilidade de resistência através do mimetismo, ou sobre a “apropriação do discurso do outro” de uma maneira a valorizar o seu próprio discurso e não apagá-lo.

É interessante o estudo dos mapas que Mignolo (2005) faz. Ele apresenta o mapa de Torres-Garcia que inverte a forma de ver as Américas com o sul no topo, o que muda a forma, mas não o conteúdo. O mapa de Waman Puma muda os termos ao desenhar de uma perspectiva Andina. Abya-Yala não é só uma inversão dos mapas existentes, mas é um questionamento da própria natureza dos mapas existentes. É assim que penso que o pós-colonialismo coloca a gente de cabeça pra baixo, mas ainda não é suficiente.

4. A perspectiva descolonial

A idéia de propor uma ciência descolonial surge de um grupo de latino americanos que verificam algumas “falhas” na teoria pós-colonial. O que parece uma simples alteração de prefixo, acarreta uma nova significação. O “pós” pressupõe um depois de algo, o “des” significa um desejo de por fim a colonização que acabou enquanto relação política, mas não enquanto relação social e que é parte constituinte da modernidade.

Para os teóricos descoloniais a geografia é fundamental, assim como o é a história. Assim não basta uma mudança espacial de perspectiva, “olhar de cabeça pra baixo”, é preciso também uma releitura do tempo passado, para uma melhor compreensão da realidade.

Os estudiosos pós-coloniais estão ligados aos processos recentes de independência (principalmente pós Segunda Guerra Mundial) e há um certo ocultamento daquilo que Dussel (2005) chamou de Primeira Modernidade. Para Dussel, a América foi a primeira periferia da Europa e não o Oriente, como nos sugeri o estudo de Said (2004;1978).

Ao fazer essa busca histórica da modernidade os teóricos falam como a partir da América um novo espaço-tempo se constitui material e subjetivamente: e isso é o que fundamenta o conceito de modernidade.

Assim modernidade não surge com o Iluminismo, com a Revolução Industrial e com a Revolução Francesa, mas sim com as invasões das Américas. Esse resgate histórico

permite-nos perceber que a *colonialidade* é a outra face da modernidade. A *colonialidade* assim cunhada por Quijano enfatiza a continuidade entre o tempo colonial e o tempo pós-colonial e que as relações coloniais não se limitam ao domínio econômico-político e jurídico-administrativo dos centros sob as periferias, mas também uma dimensão epistêmica e cultural.

Dessa maneira, a maioria dos teóricos descoloniais pensam a partir da América Latina. No entanto, a concepção do conhecimento situado ou perspectivado não pode comportar determinismos geográficos ou outros. Fals Borda (1987) fala como uma sociologia da libertação está sendo construída por uma irmandade universal, independente de ser proveniente do Norte ou do Sul global, comprometida politicamente contra sistemas dominantes.

Boaventura de Sousa Santos, apesar de não ser latino-americano traz importantes contributos para se pensar em uma sociologia crítica que surge de uma crise paradigmática. Na reconstrução teórica da Sociologia, Santos (2000) privilegia o que a modernidade marginalizou: o princípio da comunidade e a racionalidade estético-expressiva.

O meu apelo a aprender com o Sul – entendendo o Sul como uma metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo – significava precisamente o objetivo de reinventar a emancipação social indo mais além da teoria crítica produzida no Norte e da práxis social e política que ela subscrevera (Santos, 2006: 27).

Mignolo e Dussel defendem a necessidade da exterioridade da modernidade para criticá-la, no entanto, como já foi dito uma sociologia crítica não pode cair no erro do determinismo geográfico e desconsiderar tudo que venha da Europa ou do mundo ocidental. Além do mais, após quinhentos anos de imposição global da modernidade ocidental torna difícil conceber o que lhe é exterior. Os teóricos pós-coloniais ajudam ao afirmar o perigo dos essencialismos.

Mignolo (2003) vê como negativa as conseqüências da colonização e da modernidade: “As conseqüências práticas das realizações científicas e a ideologia que as acompanha são hoje visíveis por todo o lado desde o extermínio da natureza até à marginalização e extermínio dos seres humanos” (p. 641). Porém, isso não significa uma negação da modernidade:

[...] a modernidade inclui um conceito racional de emancipação que afirmamos e assumimos. Mas, ao mesmo tempo, desenvolve um mito irracional, uma justificativa da violência genocida. Os pós-modernos criticam a razão moderna como razão do terror, nós criticamos a razão moderna pelo mito irracional que dissimula (Dussel, 2001: 58).

A idéia de modernidade eurocêntrica aponta para a existência de outras modernidades. Assim é preciso desconstruir a idéia de que a modernidade e a racionalidade são experiências e produtos exclusivamente europeus. “Modernidade significando novidade, avançado, racional-científico, laico, secular é um fenômeno possível em todas as culturas e em todas épocas históricas [...] modernização como europeização é uma pretensão etnocêntrica e provinciana” (Quijano, 2000: 212-213).

É assim que surge a idéia de Trans-modernidade defendida por Dussel:

A Trans-modernidade é a co-realização do que é impossível cumprir pela modernidade: uma solidariedade incorporativa que chamei analética, entre centro e periferia, homem e mulher, diferentes raças, diferentes grupos étnicos, diferentes classes, civilização e natureza, cultura ocidental e cultura do Terceiro Mundo, etc. Para que isso aconteça, a 'outra casa' negada e vitimizada da modernidade deve em primeiro lugar, descobrir-se a si mesmas como inocentes, como a vítima inocente de um sacrifício ritual, ao qual, no processo de descobrir-se a si mesma como inocente deve agora julgar a modernidade como culpada de uma violência originária, constitutiva e irracional (Dussel, 2001: 69-70).

A idéia de Trans-modernidade de Dussel instiga a pensar uma forma de relacionamento horizontal e dialógico entre diferentes culturas. Seria o conceito de diálogo discutido por Freire (2002). Para que o diálogo aconteça é necessário que se esteja disposto a ouvir e a compreender o Outro a partir da realidade dele. Porém o diálogo não implica em uma omissão das próprias idéias em favor desse Outro, mas sim o dever de se colocar e se posicionar sinceramente frente ao Outro. Vejo um problema, quando Dussel fala do Outro como uma "vítima inocente". Nesse sentido, ele erra ao essencializar os povos colonizados. Muitas pessoas de regiões colonizadas resistiram, ou permaneceram insubmissas ou até se beneficiaram com a colonização.

A teoria descolonial tem uma forte influência da corrente filosófica surgida na América Latina denominada Filosofia da Libertação. Esta corrente nasce da reflexão sobre as várias formas de resistências à dominação realizadas na América Latina. É uma filosofia que se preocupa com o concreto. Não se conhece o Outro oprimido num plano transcendental, abstrato e metafísico. Ao dar relevo ao local a Filosofia da Libertação critica a pretensa universalidade da filosofia ocidental. O eurocentrismo, que se reveste de um pretensão universalismo, é questionado pela teoria descolonial. Dessa maneira é possível dar relevo a temáticas e sujeitos que foram invisibilizados, por não se encaixarem numa lógica eurocêntrica.

Assim, a idéia de Trans-modernidade tem como objetivo escutar as vozes oprimidas por uma modernidade eurocêntrica e estabelecer um diálogo entre as diferentes modernidades. A idéia de ecologia dos saberes (Santos, 2006) enriquece o conceito de Trans-modernidade. A ecologia dos saberes fala da infinita pluralidade dos saberes e da necessidade de conjunções específicas desses saberes para realizar determinadas ações. Assim, os teóricos descoloniais defendem a pluralidade de saberes.

Mas para essa pluralidade ser possível, é preciso estar atento à "colonialidade do ser". Maldonado-Torres (2008) diz que um "ser colonizado" foi violentamente separado do ser pensado na Europa que não é fruto de um pensamento em particular, mas que é antes "o produto da modernidade/colonialidade na sua relação íntima com a colonialidade do poder, a colonialidade do conhecimento e a própria colonialidade do ser" (p. 89). O ser é constituído a partir das práticas que realiza.

Assim, os teóricos descoloniais fazem uma defesa de uma localização geopolítica e de um resgate histórico, no sentido dos povos colonizados se libertarem do jugo da modernidade eurocêntrica. "Em conseqüência, é tempo de aprender a liberar-nos do espelho eurocêntrico onde a nossa imagem é sempre, necessariamente, destorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos" (Quijano, 2000: 242).

Santos (2006) chama a atenção para a perspectiva descolonial não cometa erros de outras perspectivas críticas da Sociologia. Ele fala na necessidade de não se restringir ao viés culturalista. Alerta ainda para a articulação entre colonialismos e capitalismo,

sendo incorreto se centrar mais na crítica da modernidade ocidental do que na crítica ao capitalismo. Inspirado por autores pós-coloniais como Chakrabarty (2000) fala da necessidade de provincializar a Europa, de maneira que atente às desigualdades no interior da Europa. Ele chama atenção também para os diferentes processos de descolonização, na América a descolonização política foi a entrega dos territórios aos descendentes dos Europeus, na América Latina há um grande colonialismo interno.

Desses alertas, Santos (2006) pensa em alguns desafios para a consolidação de uma teoria crítica. Ele diz que é preciso pensar a emancipação social sem uma teoria geral da emancipação social, mas sim dando ênfase a processos de tradução que tornem as diferentes lutas mutuamente inteligíveis e permita os atores coletivos conversarem sobre as opressões a que resistem e as aspirações que os animam. Fala sobre a indispensabilidade e a inadequação do pensamento ocidental. Defende ainda a maximização da interculturalidade sem subscrever o relativismo cultural e epistemológico, através de hermenêutica diatópica que levaria a um cosmopolitismo subalterno ou insurgente.

Fals Borda (1987) faz uma referência de como o encontro do IX Congresso Latino-americano de Sociologia no México, em novembro de 1969, foi a culminação de uma atitude intelectual de real compromisso com a mudança social, com a ação necessária para transformar revolucionariamente a sociedade latino-americana, sem perder a rigorosidade científica. É com esse espírito que defendo uma perspectiva descolonial como uma sociologia crítica no XXVII Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia.

Referência Bibliográfica

- **Baudrillard**, Jean (1991), *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água.
- **Bhabha**, Homi K. (1994), *The Location of Culture*. London and New York: Routledge. “Interrogating Identity. Frantz Fanon and the Postcolonial Prerogative”; “The Other Question. Stereotype, Discrimination and the Discourse of Colonialism”.
- **Chakrabarty**, Dipesh (2000). *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference*. Princeton: Princeton University Press.
- **Dussel**, Enrique (2001), “Eurocentrismo y modernidad (Introducción a las lecturas de Frankfurt)” in Walter Mignolo (org.), *Capitalismo y geopolítica del conocimiento: El eurocentrismo y la filosofía de la liberación en el debate intelectual contemporáneo*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 57-70.
- **Dussel**, Enrique (2005). “Transmodernidad e Interculturalidad: Interpretación desde la Filosofía de la Liberación”.
- **Fals Borda**, Orlando (1987), “Es posible una sociología de la liberación” y “Por un conocimiento vivencial” En: Ciencia propia y colonialismo intelectual. Los nuevos rumbos. Bogotá: Carlos Valencia Editores.
- **Freire**, Paulo (2002), *Pedagogia do Oprimido*. 32ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- **Hall**, Stuart (1996), “Introduction: Who needs ‘identity’?” in S. Hall e P. Gay (orgs.) *Questions of Cultural Identity*. London: Sage.

- **Jameson**, Frederic (1991), *Postmodernism, or the Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham: Duke University Press.
- **Lyotard**, Jean-François (1979; 2000), *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- **Maldonado-Torres**, Nelson (2008). “A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008: 71-114.
- **Mignolo**, Walter (2003), “Os esplendores e as misérias da ‘ciência’: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica,” in Santos, Boaventura de Sousa Santos (org.). *Conhecimento Prudente para uma vida decente: ‘um discurso sobre as ciências revisitado*. Porto: Afrontamento.
- **Mignolo**, Walter D. (2005), *The Idea of Latin America*. Oxford: Blackwell. p. 34-50; 148-162.
- **Quijano**, Aníbal (2000), “Coloniality of power, Eurocentrism and Latin America” in *Neplanta: Views from South*, 1 (3), 533-580.
- **Said**, Edward W. (2004;1978), *Orientalismo*, Lisboa: Livros Cotovia.
- **Santos**, Boaventura de Sousa (2000), *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*, Porto: Afrontamento.
- **Santos**, Boaventura de Sousa (2006), *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento.
- **Santos**, Boaventura de Sousa, **Meneses**, Maria Paula G. & **Nunes**, João Arriscado (2004) “Introdução: para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo” in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Porto: Afrontamento, 19-101.
- **Spivak**, Gayatri Chakravorty (1984-5), “Criticism, feminism and the institution” entrevista com Elizabeth Gross, *Thesis Eleven* 10/11 (nov/ mar): 175-187.